

Bakhtin, gênero e o texto: *Uma professora muito maluquinha**

Márcia Cristine Agustini
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Por meio deste estudo, características temáticas e estilístico-composicionais de textos literários infanto-juvenis foram levantadas e comparadas ao enunciado *Uma professora muito maluquinha*, do escritor e cartunista Ziraldo, numa perspectiva bakhtiniana. A visão bakhtiniana defende o estudo da língua não como sistema, mas como discurso inserido em uma situação social que traz em seu âmago uma *finalidade* discursiva. Qual a finalidade discursiva do texto aqui estudado e de que forma ele se insere no gênero literário infanto-juvenil foram as questões que nortearam este trabalho.

Palavras-chave: dialogismo – enunciado – gênero.

1. Introdução

Bakhtin (1988, 1997) propõe que a análise dos enunciados se deve dar pelas manifestações materiais destes em seu contexto. A finalidade do enunciado e a razão de existência deste têm influência direta sob a forma como ela se dá. As práticas sócio-comunicativas é que determinam o enunciado (trazendo em si possibilidades de narração, injunção, exposição, descrição e argumentação – as denominadas seqüências textuais)¹, bem como possibilidades criativas do uso da língua, como a intercalação de gêneros (a inserção de um gênero em outro), o hibridismo (quando ocorre uma espécie de osmose entre dois ou mais gêneros), etc.

Propomo-nos a analisar, neste estudo, um exemplar do gênero literatura infanto-juvenil, o texto *Uma professora muito maluquinha*, do escritor Ziraldo, sob a perspectiva bakhtiniana. O estudo deste texto através de uma perspectiva dialógica nos leva ao levantamento de questões relacionadas ao propósito ideológico da temática dada pelo gênero “literatura infanto-juvenil”, pois, como afirma Bakhtin,

a obra, assim como a réplica do diálogo, visa à resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa, e para tanto adota todas as espécies de formas: busca exercer uma influência didática sobre o leitor, convencê-lo, suscitar sua apreciação crítica, influir sobre êmulos e continuadores, etc (1997, p. 298).

* Trabalho apresentado na Semana de Letras – UFSC (2008).

¹ Menciono o fato aqui para opor-me à uma análise determinada pela de seqüências textuais desenvolvida por Jean-Michel Adam.

O objetivo deste artigo é traçar as características da literatura infanto-juvenil brasileira moderna para tentar identificar semelhanças e diferenças entre este perfil e o texto estudado – *Uma professora muito maluquinha* – numa perspectiva bakhtiniana. O texto escolhido para a análise refere-se ao livro homônimo do autor Ziraldo Alves Pinto, publicado em 1995.

2. A teoria bakhtiniana

A preocupação de Bakhtin (1981, 1988, 1997) foi de estudar o discurso presente na linguagem, e não a língua como sistema, pois:

“a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas [língua como sistema de formas – objetivismo abstrato nem pela enunciação monológica isolada [língua como expressão de uma consciência individual – subjetivismo individualista] mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada pela *enunciação* [enunciado] ou pelas *enunciações* [enunciados]” (BAKHTIN, 1992, p.123, grifos do autor).

A língua é, para Bakhtin, uma entidade viva, um instrumento de mediação que se perpetua e se transforma no falar e agir humano. Ao (re)produzirmos a linguagem, dialogamos com o outro, negociamos e construímos significados. Esta relação dialógica (constante e contraditória) permite a construção de significados na interação com o outro. Assim, a constituição heterogênea e fragmentada do discurso, evidenciada por Bakhtin, torna o *interdiscurso* o ponto central a ser analisado.

Além disso, o enunciado, como dito anteriormente, está sempre dirigido a alguém, o outro, que tem uma participação ativa em sua feitura: “o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (...), completa, adapta, apronta-se para executar, etc [...] (BAKHTIN, 1997, p. 290)”. O locutor diz o que diz, da forma que diz, por antecipar a reação do outro em relação ao que ele fala. O locutor, ao enunciar, considera o que o outro sabe sobre o assunto, os eventuais problemas, qual a postura do outro em relação ao fato. Essa resposta não precisa ser imediata ou verbalizada, pode ser retardada, como no caso de certos gêneros mais complexos (secundários),² que podem levar à reflexão e só mais tarde à ação-resposta. Este é o caso da literatura, e, por extensão, da literatura infanto-juvenil que está sendo considerada aqui.

Nessa contínua construção de idéias e significados, deparamo-nos com as palavras. Estas são por si só desprovidas de acento de valor. Esse valor lhes é agregado socialmente, através da troca com o outro. Os valores que lhes são atribuídos (o caráter ideológico) não são propriedade de ninguém, ao mesmo tempo em que pertencem a todos. A memória dis-

² Os conceitos de gêneros primários e secundários encontram-se na seção 5 – Gênero: literatura infanto-juvenil.

cursiva é responsável por este processo. A lembrança do que foi dito sobre determinados fatos molda o discurso do autor, que se opõe ou se afilia a esta memória. Como define Bakhtin:

Quando um membro de um grupo falante encontra uma palavra, ela não aparece como uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros, despovoada das vozes dos outros. Ele recebe a palavra da voz do outro e repleta da voz do outro. A palavra entra em seu contexto vinda de outro contexto, impregnada com interpretações de outros. Seu próprio pensamento já encontra a palavra povoada (BAKHTIN, 1989, p. 202, tradução nossa).

Essa relação dialógica dá vida à linguagem e à ideologia: a instabilidade dos signos atesta sua natureza ideológica. Assim, Bakhtin explica a formação das consciências individuais como processo que se dá de forma interativa e, portanto, coletiva. Para Bakhtin, a consciência individual é construída de forma social e dialógica. A função da palavra e a interação social são primordiais como caráter formador desta consciência individual, que é, antes de tudo, ideológica.

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. [...] A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 1988, p. 34).

Surpreende-nos esta afirmação, contrária ao senso comum, ao colocar nossa consciência que supúnhamos como única, como resultado de um processo social. Nossa consciência individual é como é por seu lugar histórico e espacial, ou em outras palavras: a consciência individual é moldada pelo coletivo. No entanto, o coletivo não é pacífico, não está posto e acabado; pelo contrário, é formado por grupos sociais divergentes, que atribuem a determinados signos valores que serão questionados e reformulados nas atividades interativas.

Resumindo o pensamento do autor sobre a língua, teríamos algumas concepções fundamentais: a língua é um sistema instável; a língua está em constante evolução; essas mudanças se dão devido ao movimento social (mudanças na sociedade); a criatividade da língua está ligada aos valores ideológicos e a enunciação só pode se dar de forma interativa (é uma resposta a um estímulo anterior) (BAKHTIN, 1988).

Através dessas conclusões, na teoria de Bakhtin, a unidade de estudo da lingüística migra da oração para o enunciado. A oração diferencia-se do enunciado basicamente por três características: a alternância dos sujeitos discursivos; a conclusividade e a expressividade (BAKHTIN, 1997):

- Alternância dos sujeitos discursivos: quando o falante (escritor) conclui sua fala (seu enunciado), ele aguarda a resposta do outro que pode vir de diversas formas. Por exemplo: a réplica imediata e verbal, comum no diálogo; o silêncio como reflexão sobre o tema ou atitude depreciativa do não querer envolver-se, etc.
- Conclusividade: a alternância dos sujeitos discursivos se dá quando da conclusão do enunciado pelo locutor. O locutor disse tudo o que havia a ser dito sobre o tema naquele momento, permitindo uma reação-resposta do outro. Destaque-se que o gênero é parte constitutiva deste: num diálogo uma interjeição pode expressar este caráter conclusivo, enquanto que num romance esta mesma interjeição não produz este mesmo efeito.
- Expressividade: o falante utiliza-se da língua de forma a expressar sua atitude emocional e/ou valorativa em relação ao que tem a dizer. A expressividade não é própria do sistema lingüístico, mas do uso concreto deste pelo interlocutor para transmitir um pensamento ou idéia. É o enunciado que assim se faz único, pois o que foi dito naquele momento não pode ser repetido; já teríamos outros interlocutores ou outra situação. “Todo enunciado marca uma atitude valorativa diante do objeto do discurso, diante do falante e dos enunciados alheios de outros interlocutores da comunicação discursiva.” (BUSSARELLO, 2004, p. 32).

3. Gênero: literatura infanto-juvenil

Bakhtin (1997, p. 279) define gêneros como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”, observando-os principalmente pela situação social de interação verbal. Considerando a concepção de enunciado, explorada na seção anterior, fica clara a relação que Bakhtin estabelece entre o movimento dialógico e a (permanente) reformulação semiótica dos signos.

Embora o enunciado em si seja um evento único e não possa ser repetido, o tema, o estilo e a composição já estão previamente dados pelo espaço genérico que ocupam. Não poderia o autor, por exemplo, escrever de forma dissertativa ao propor-se a escrever para crianças no espaço genérico dado: literatura infanto-juvenil moderna. “O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, as unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 284).

Apesar de o espaço genérico estar posto, o autor, ao expressar-se, imprime um estilo pessoal ao seu enunciado. Este está relacionado ao conteúdo temático e à forma composicional. Esta composição, por sua vez, não se refere às seqüências textuais, mas à finalidade

ideológica do autor. Isto é, o autor usa os recursos lingüísticos que lhe parecem mais apropriados para dizer aquilo que quer dizer sobre aquele determinado assunto, num determinado contexto. Esta liberdade de expressão é dada pelo gênero, que permite (ou não) um maior ou menor espaço para o desenvolvimento de um estilo pessoal. Como é o caso da esfera literária, que tem como propósito a criatividade e a diversidade.

Na literatura infanto-juvenil, a relação entre o autor e os leitores tem um caráter especial. Em geral, temos um adulto que escreve para um público mais jovem que ele. Essa relação – assimétrica – traz em si algumas características. O autor está em uma posição de superioridade em relação ao leitor, pois este recebe a obra de forma pronta, acabada e este só pode negociar sentido de forma a concordar ou não com o que é dito, ou ainda interpretá-la a partir de seu lugar social. O poder de manipular as idéias (ideologias) está nas mãos do autor³, independe dos leitores, o que configura uma relação desigual.

Para Bakhtin (1997), a conclusividade do enunciado não se dá no nível da frase, mas quando o falante (escritor) disse tudo o que tinha que dizer naquele momento, dentro daquela determinada situação. Neste caso, o limite do enunciado é a totalidade do romance, que se ancora nos já-ditos sobre o assunto, para provocar uma reação-resposta que virá posterior à conclusão da leitura do texto. O texto *Uma professora muito maluquinha* é, dessa forma, um enunciado totalizado, que traz em si um projeto discursivo, um querer-dizer que, pleno de sentido, encontra-se ‘pronto’ para interagir com o outro.

Além disso, os enunciados, ao serem regidos pela situação de interação, apresentam características ligadas ao fazer social e às necessidades de comunicação do falante, constituindo assim formas genéricas diversas. Desta diversidade, Bakhtin (1997) identifica dois grandes grupos: os gêneros primários e os gêneros secundários. Os gêneros primários são mais simples, presentes na vida cotidiana, como réplicas de diálogo, a carta, diários íntimos, documentos, etc. Os gêneros secundários seriam mais elaborados, como o romance, o teatro, o discurso científico, e outros. Estes podem fazer uso dos gêneros primários para seu desenvolvimento: “Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 281), e ao fazê-lo, suas características são alteradas. “Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Quando se faz uso de gêneros primários em um gênero secundário, chamamos este fenômeno de gêneros intercalados. Um poema, por exemplo, pode fazer parte da narrativa de um romance, mas então já não é fenômeno da vida cotidiana, mas parte deste, onde faz sentido apenas como parte integrante daquele enunciado.

³ Ressalvando-se as limitações deste fato. A “consciência individual” é construída coletivamente e o autor não está livre desta.

O lugar histórico do surgimento da literatura infanto-juvenil moderna ajuda-nos a entender as formas de caracterização deste gênero. Esta literatura, da forma como a vemos hoje, tem origem com a Revolução Industrial:

Diante do veloz processo de industrialização provocado pela Revolução Industrial, acelerou-se a urbanização, ampliou-se o investimento na tecnologia e a sociedade transformou-se com o surgimento de diferentes classes sociais. Em decorrência disso, com a crescente migração do meio rural para as cidades e a necessidade da universalização da educação, surge o momento propício para o aparecimento da literatura infantil. (BOLFER, 2003, p. 39)

Bolfer, em seu estudo sobre literatura infantil e infanto-juvenil, coloca estes gêneros no mesmo patamar, destacando as semelhanças. Seriam elas: *o caráter reducionista, presença da criança como protagonista e intenção pedagógica* (BOLFER, 2003). Eles são reducionistas, pois fazem uso excessivo de estereótipos com um enredo maniqueísta, onde o bem se contrapõe ao mal.

Sendo feito para a criança e/ou pré-adolescente, outro ponto fundamental neste tipo de literatura é o protagonista que terá uma idade semelhante à dela. O objetivo parece bastante claro: aproximar o leitor da história que se quer contar. No livro *Uma professora muito maluquinha*, os personagens principais são crianças e também a professora, o que justifica (em parte) a diversidade de faixa etária dos leitores deste texto.

A publicação de um livro não se dá em um vazio social, sendo que a análise das condições de produção deste material é relevante em relação ao seu conteúdo. A literatura infantil é feita para a escola, onde este material circula e é consumido. Sua produção se dá em função da escola. *A intenção pedagógica*, ou seja, a intenção de ensinar algo para a vida da criança se faz presente neste gênero:

[...] este utilitarismo na literatura infantil data do século XIX. Por um lado, a instrução é apresentada de maneira a despertar o interesse do leitor pelo conhecimento ou pelo comportamento; por outro, o aspecto divertido precisaria, de certa forma, esconder a realidade moral, em busca de um “ideal de leitura” para as famílias, professores e autores, preocupados com a formação das novas gerações. Portanto, tratar-se-ia de uma narrativa que abre espaço para a educação (aprendizagem) e para a recreação (entretenimento). (CHARTIER, 1999, apud BOLFER, 2003, p. 35)

Estas três características – caráter reducionista, presença da criança como protagonista e intenção pedagógica – de certa forma nos remetem aos três pontos discutidos por Bakhtin: a já prévia definição do tema, estilo e composição dados pelo gênero. Com uma forte orientação para a temática, estas características teriam influência direta sobre o estilo e a composição. Isto se dá não por determinação do gênero *per se*, mas pela constituição histórica do gênero através dos tempos. O estilo e a composição são afetados, neste caso, em relação à intenção pedagógica, quando, por exemplo, as ilustrações do livro têm um

caráter de instrução. No caso de *Uma professora muito maluquinha*, o estilo e a composição não estão diretamente relacionados às três categorias acima mencionadas, mas indiretamente, ao proporem, de uma forma lúdica e divertida, uma imagem de professora a ser amada e admirada.

4. A análise

Pertencente à esfera literária, o livro *Uma professora muito maluquinha* tem um caráter de durabilidade maior que outras formas de texto, pois sua forma de propagação – o livro – tem, em sua forma, um caráter de permanência maior que notícias vinculadas na televisão ou jornais, por exemplo.

O tema da história é o universo de uma professora de alfabetização e de seus alunos, Conteúdo este que de imediato acessa uma das características descritas acima: a da *presença da criança como protagonista*. Embora a protagonista principal seja a professora, são (como recurso literário) seus alunos que escrevem sobre ela e as experiências que tiveram com ela: “Sua presença em nossa memória, ao longo das nossas vidas, ajudou-nos a construir nossa felicidade” (ZIRALDO, 1995, p. 113).

O horizonte temático da literatura infanto-juvenil moderna, ao estar profundamente unido à esfera mercadológica, muitas vezes, restringe-se ao maniqueísmo reducionista e à função pedagógica. No caso da “professora maluquinha”, a função pedagógica estende-se à escola como um todo. É uma crítica à escola convencional, autoritária e distante do aluno. A professora é maluquinha porque se contrapõe às normas de uma escola tradicional. Ela é a professora e a amiga de seus alunos ao mesmo tempo. Suas atitudes não são autoritárias, pois, de uma forma bastante visionária de como a escola do futuro deveria ser, ela trata seus alunos como pessoas capazes de discernir entre o certo e o errado. No caso de algum problema na sala, ela não pune, mas realiza um julgamento, em que os próprios alunos decidem o que deve ser feito.

O maniqueísmo reducionista é parcialmente reproduzido na figura da professorinha, que não é apenas descrita de forma sonhadora e perfeccionista, mas também ilustrada desta maneira: jovem, bonita e na moda. Por outro lado, as outras professoras, que eventualmente se opõem a ela, são apresentadas de forma negativa e estereotipada – são todas mais velhas que a professorinha e se vestem de forma antiquada – e/ou estão de cara feia (irritadas), ou usam óculos, ou são mais gordinhas que a professorinha. Esse conteúdo ilustrado condiz com o discurso reducionista em que as professoras mais velhas seriam antiquadas e tradicionais, enquanto que a professora maluquinha, mais jovem, seria inovadora e criativa. Estas imagens, associadas ao discurso do texto, levam-nos à seguinte associação: bom/bonito x mau/feio. Como caráter argumentativo, este maniqueísmo é eficiente e objetiva tornar o leitor um aliado que irá apoiar esta professora em suas atividades e principalmente em suas convicções, que são demonstradas no decorrer da história.

A proposta pedagógica da professorinha depende de uma filosofia muito simples: através da leitura, seus alunos poderiam conhecer o mundo e aprender muito mais que com aulas chatas e repetitivas. Ela é uma professora nada convencional, bastante criativa, que usa recursos diferenciados para desenvolver em seus alunos a habilidade da leitura, já que estes ainda estavam aprendendo a ler.

O contexto escolar apresentado por Ziraldo remete-nos à representação de uma escola cujo ambiente é castrador, pouco propício ao desenvolvimento de um ser criativo e de professores que “alimentam a chama” dessa escola. Maluquinha representa a tentativa de inverter essa situação, propondo um trabalho de desenvolvimento global de seus alunos. (BOLFERR, 2003, p. 109)

Para apresentar esta proposta ideológica, e argumentar em favor dela, o autor faz uso de movimentos dialógicos. O movimento dialógico da enunciação caminha em duas direções: movimentos dialógicos de assimilação e movimentos dialógicos de distanciamento (RODRIGUES, 2005). No movimento dialógico de assimilação, encontramos vozes de apoio ao enunciado, enquanto nos movimentos dialógicos de distanciamento, encontramos vozes controversas ao discurso do autor.

Como exemplo do primeiro caso, temos o autor interposto (a esfera literária), que ao permitir a existência/publicação do livro, apóia-o, também em seu discurso ideológico. O autor real, por sua vez, tem sua voz de autoridade reforçada pelo seu longo e consistente trabalho na esfera literária. Ziraldo é escritor de livros infantis, cartunista e chargista político. Publicou sucessos mercadológicos, como *O menino maluquinho* (1980) e, pertencente a esta série, o texto/enunciado aqui analisado, *Uma professora muito maluquinha*, de 1995. Em histórias em quadrinhos, publicou *A turma do Pererê*. Esses trabalhos prévios, bem sucedidos, concedem à autoria – para um leitor mais atento – um caráter de validade, de reconhecimento e de aprovação anterior à leitura do livro propriamente dito. Após esta etapa, sua habilidade em contar uma história será julgada desde o início, quando então o estilo – a habilidade do escritor em usar os recursos lingüísticos apropriados, dentro deste gênero específico – é que vai ser responsável pela credibilidade do que o autor escreveu.

Exemplos do movimento dialógico de distanciamento se apresentam no texto com a reprodução na fala de alguns personagens. Alguns discursos presentes em nossa sociedade vistos como senso comum são explorados e contraditos. É senso comum que a escola tem regras, que a professora é a autoridade máxima dentro da sala, e que esta autoridade deva ser exercida, às vezes, de forma “autoritária”. A presença deste discurso em nossa sociedade é evidenciada na seguinte negação: “Com ela não tinha castigo” (ZIRALDO, 1995, p. 39). Este *não* reflete a expectativa do sim; ou, em outras palavras, pressupõe que a sentença “com ela (professora) tinha castigo” seja perfeitamente aceitável. A esta voz – presente em nossa sociedade – o autor se contrapõe. O fato de ela não castigar seus alunos vem como dado novo, algo a ser apresentado ao leitor.

Outro exemplo aparece na voz da diretora. Ziraldo questiona outro discurso que é lugar-comum nas escolas – o de que é preciso haver silêncio para haver aprendizado. O autor se contrapõe a esse discurso na sentença imediatamente anterior à fala da personagem ao explicar que o *barulho* não era apenas barulho, mas *alegria* dos alunos com o aprendizado: “E era tanto barulho na sala; e era tanto riso e tanta alegria que lá vinha a diretora saber o que estava acontecendo: “Vocês estão prejudicando as outras classes” (ZIRALDO, p. 32). Essa afirmação anterior ao discurso da diretora, ao falar de alegria e riso em relação à aula, prepara o leitor para a estranheza da crítica, desautorizando a fala da diretora. Semelhante é a apresentação da crítica do “Padreco”, que é desautorizada pelo “Padre Velho” – um personagem calmo e sempre sorridente, que apóia a “professorinha”⁴ em todas as suas atitudes: “Ele (o Padreco) não dava sossego pra *nossa* professorinha. Vivia dizendo que ela era muito liberal, uma anarquista muito da maluquinha. E contava tudo para o Padre Velho, que, ao contrário dele, tinha a maior paciência com a sua maluquinha querida” (ZIRALDO, p. 47, grifo meu).

Abaixo dessas palavras, temos a figura do Padreco – com a cara fechada e o dedo em riste – e do Padre Velho, sentado com um sorriso condescendente no rosto. Tal ilustração não deve ser ignorada, pois é a representação exata da imagem que o autor quer nos mostrar, de que as vozes que se contrapõem à professora não devem ser aceitas ou sequer consideradas.

Nesta mesma citação, da página 47, temos a presença, extremamente importante, do pronome possessivo *nossa*, ao referir-se à professora. Este movimento dialógico pertence a outra dimensão, não explorada até agora, pois as relações dialógicas do texto também são construídas em relação ao leitor. Segundo Rodrigues (2001a), seriam três os movimentos: movimento dialógico de engajamento; movimento dialógico de refutação e movimento dialógico de interpelação.

No movimento dialógico de engajamento, o escritor, através de recursos lingüísticos, tenta se aproximar do leitor, como se ambos partilhassem uma posição valorativa semelhante. Este é o caso do uso do “nós” no texto, que se repete em toda a extensão narrativa do texto, como nos seguintes exemplos: “E acabamos de descobrir que este é o primeiro livro que conhecemos escrito no plural. No plural da primeira pessoa. Achamos graça da descoberta e concordamos com *nossa* professora e com o Tom Jobim: “É impossível ser feliz sozinho” (ZIRALDO, 1995, p. 113). Nesta orientação valorativa, o autor utiliza vozes ficcionais: o livro teria sido escrito por um grupo de ex-alunos da professora maluquinha. O *nós* presente no texto aproxima o leitor do texto e o convida a fazer parte da narrativa. Ele se questiona: poderia esta professora ser/ter sido uma das muitas professoras que passaram na minha vida?

⁴ A esses personagens, incluindo a professora, não são atribuídos nomes na obra “Uma professora muito maluquinha”.

No movimento dialógico de refutação, o autor considera a reação-resposta do leitor e, antecipando-se a ela, a refuta. O autor é um sujeito que escreve para um grupo indefinido de leitores. Estes leitores, estando dentro da escola, podem variar em classe social e interesses e, assim, não partilhar de seu horizonte axiológico. A atitude valorativa do leitor frente ao enunciado pode ser tão desigual quanto é seu público. Por exemplo, embora a proposta didática esteja presente – o objetivo de ensinar algo de forma positiva –, aqueles mais religiosos poderiam ficar chocados com a seguinte afirmação da professora:

O homem nasce com visão, audição, olfato, tato e gustação. Mas não nasce completo. Falta a ele a capacidade de ler e escrever como quem fala e escuta. E a professora que – como um *deus* – acrescenta ao homem este sentido que o completa! Tenho dito! (ZIRALDO, 1995, p. 76, grifo meu).

O próprio autor se antecipa à reação-resposta dos leitores que possam ficar escandalizados com tal afirmação, ao colocar na boca de outros personagens esta indignação: “Ela está se comparando a Deus???”; “Uma herege!”; “Pode ficar perigosa” (ZIRALDO, 1995, p.77), para concluir com a figura do padre, que com um sorriso de aprovação, diz: “Muito maluquinha”.

Este se antecipar à *reação-resposta* do outro está presente em todo o livro, na voz de professoras mais antigas, que a chamavam de maluquinha e não entendiam sua forma de ensinar. Aqui, a voz do outro, apresentada de forma depreciativa, serve como canalizador para as idéias da professorinha, e de refutação do discurso do outro.

Outro exemplo disso é a atitude da diretora da escola, que grita com a professorinha, para fazer um pedido absurdo: “A sala, então, virava primavera e a turma voltava a cantar e a saudar com tal ardor o seu retorno que era preciso a intervenção da diretora, que abria a porta da sala, de repente, e gritava para dentro: ‘Vamos parar com essa felicidade aí!’” (ZIRALDO, 1995, p. 75).

O terceiro movimento, o movimento dialógico de interpelação, está expresso em toda obra, principalmente com o uso da repetição de certas proposições. Através deste movimento, “um determinado ponto de vista é apresentado como o ponto de vista, como a verdade à qual o leitor deve se sentir compelido, persuadido a aderir” (LONGHI, 2005, p. 38). Exemplo disso é a insistência da atitude criativa da professora, como promotora de um aprendizado ao mesmo tempo divertido e eficiente. Em praticamente todo o livro, apresentam-se exemplos de atividades diferenciadas que a professora maluquinha dá para seus alunos, reforçando a sua criatividade e dinamismo e, principalmente, a idéia de que esta é a forma *melhor* e mais *correta* de ensinar. Também, em nenhum momento temos uma professora agressiva ou autoritária. A relação dela com seus alunos é de cumplicidade, respeito e negociação em eventuais problemas.

O livro não nos interessa somente como posicionamento ideológico, mas também como entretenimento para o leitor. Esta carga não deve ser desprezada, pois este autor, ao transmitir um modelo de professora ideal através de sua obra, está, na verdade, usando de argumentação através do estilo literário. Ziraldo poderia ter escolhido outros gêneros para favorecer a mesma argumentação, assim com o faz através de entrevista a jornais e revistas: “Falta ênfase no ensino básico. As crianças não aprendem a ler, não aprendem a fazer as quatro operações básicas. É preciso haver uma reforma curricular, voltar a dar ênfase nos fundamentos.” (ZIRALDO, entrevista para a *Folha online*). O posicionamento ideológico é o mesmo encontrado no enunciado (texto) analisado, mas aqui ele se faz mais explícito como requer (e permite) o gênero jornalístico.

O estilo do livro reflete uma tentativa de aproximação com o interlocutor: com uma narrativa quase conversacional, e a existência de recursos visuais (ilustrações) está mais próxima de atender ao público a que se destina: as crianças e adolescentes. A narrativa se faz quase conversacional pelo uso do *nós* na narração, mas também pela informação extra, dada na maioria das vezes entre parênteses, e às vezes entre travessão. Estes parênteses dão dinamicidade ao texto. Esta informação extra-dialoga com o leitor, esclarece pontos, inclusive do passado dos personagens da história, a que somente o autor poderia ter acesso, se não fosse pelo uso destes recursos:

A praça onde a professorinha vivia era assim: tinha a pracinha, a matriz e o cemitério no alto do morro; tinha o Padre Velho (que era tio dela) e o Padreco (que foi um menino que o Padre Velho criou); tinha as beatas e as solteironas (que davam notícias da cidade inteira) (ZIRALDO, p. 14).

O gênero examinado apresenta também características de intercalação. Em sua narrativa, temos cartas, poemas, histórias em quadrinhos, partes de jornais e revistas, fotos, cartazes, propagandas, etc. Estes exemplares do gênero primário e secundário, ao serem inscritos na totalidade de um enunciado, só fazem sentido dentro deste; isto é, pertencem ao enunciado como um todo. Este artifício é introduzido no texto como forma de ilustração, como um argumento narrativo, para ilustrar a dinamicidade das atividades propostas pela professora para a turma e também como forma de aproximação do leitor com a narrativa. O leitor *participa* da aula da professora maluquinha, pois as atividades, mais que narradas, estão lá, presentes em forma de ilustrações.

Esta professora é construída de uma forma positiva, mas que tem toda a escola e a sociedade (na figura dos pais dos alunos) contra ela. O texto *Uma professora muito maluquinha* é uma reação-resposta do autor Ziraldo, que se contrapõe aos discursos presentes sobre a escola em nossa sociedade. Neste enunciado, suas idéias/ideologia estão presentes, e sua mensagem pedagógica é destinada à escola, mais que ao aluno. A mensagem final é de uma postura construtivista, em que o professor está em classe para interagir com o aluno de forma a desenvolver suas potencialidades.

5. Concluindo

O discurso presente em *Uma professora muito maluquinha* mostra conflitos entre o que a escola é e o que o autor da obra queria que esta fosse. Para tanto, ele apresenta a sua voz, mas também a voz do outro. A heterogeneidade do pensamento do outro está presente, ao apresentar conflitos no discurso das outras professoras e dos pais dos alunos em relação à sua proposta de uma nova escola, por exemplo. Este antitradicionalismo na escola, que aparece em *Uma professora muito maluquinha*, é um reflexo do seu lugar social; ele só pode existir onde a escola é ou foi tradicional, mas há outras vozes, sugerindo outras opções.

A individualidade de autor se expressa em seu enunciado que é único, original, mas que está impregnado da presença do outro. No entanto, o enunciado *Uma professora muito maluquinha* assemelha-se a outros exemplares da literatura infanto-juvenil. Há a presença de crianças e seu universo, há uma intenção pedagógica e há um certo maniqueísmo. Tudo isso, acrescido do universo de valor do autor, deram origem a uma obra com propostas de melhoria do ensino fundamental visto pela óptica do autor, porque “um discurso é sempre, pois, a materialização de uma ideologia” (FIORIN, 2004, p. 46).

O enunciado *Uma professora muito maluquinha* apresenta características argumentativas, com uma proposta bastante clara e incisiva, mas que se desenvolve de forma peculiar, pois tem também interesse em divertir, em entreter, sem os quais perder-se-ia um participante importante nesta interação: o leitor.

6. Referências

FIORIN, J. L. Bakhtin e a concepção dialógica da linguagem, in: ABDALA Jr. B. (org.) *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

BAKHTIN, M. & VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. *Problems of Dostoevsky's poetics*. 4 ed. rev. University of Minnesota: University of Minnesota Press, 1989.

_____. *The dialogic imagination*. University of Texas: University of Texas Press, 1981.

_____. *Estética da criação verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOLFER, M. M. M. de O. *Imagens/Representações de professora na literatura infantil: um confronto entre a tradição e a inovação*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

BUSSARELLO, J. M. *O ensino/aprendizagem da produção textual escrita na perspectiva dos gêneros do discurso: a crônica*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

LONGHI, U. J. *O artigo de opinião na perspectiva pedagógico-discursiva – uma experiência no ensino superior*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

RODRIGUES, R. H. *Da morte da lagarta ao mosaico da Borboleta: a polifonia no texto literário*. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

_____. *A Constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: Cronotopo e Dialogismo*. 2001a. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC/SP, São Paulo, 2001 a.

_____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem, in: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ZIRALDO, A. P. *Uma professora muito maluquinha*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.